
"Os Estadunidenses estão chegando": qual será os desdobramentos para autonomia regional do desembarque dos EUA em águas sul-americanas?

«Los estadounidenses están llegando»: ¿qué consecuencias tendrá para la autonomía regional la llegada de EE. UU. a aguas sudamericanas?

Sebastian Tobar, Sâmia de Brito

Resumo: As perspectivas para a América Latina são de instabilidade política interna, pressões externas e estimativas de crescimento estagnado. O caso da Venezuela representa a difícil equação latino-americana, manter sua autonomia frente a disputa global por hegemonia. Os esforços coletivos podem tentar mitigar os efeitos complexos de se tornar uma zona de influência dos EUA, mas é importante acompanhar quais serão os resultados das eleições em países-chave como Brasil e Colômbia que atualmente se diferenciam de uma tendência a direita em vários países da região. No acompanhamento de organizações sub-regionais, o fórum econômico internacional patrocinado pelo CAF juntou chefes de estados para discutir oportunidades conjuntas para países da região, além disso, destacamos a posse do novo secretário executivo do Organismo Andino de Saúde Convenio Hipólito Unanue (ORAS-Conhu) e por fim, demos destaque ao lançamento do nome de Michelle Bachellet para a corrida da vaga de secretário geral da ONU.

Palavras-chave: América Latina; Cooperação Internacional; Salud

Resumen: Las perspectivas para América Latina son de inestabilidad política interna, presiones externas y estimaciones de crecimiento estancado. El caso de Venezuela presenta la difícil ecuación latinoamericana de mantener su autonomía frente a la disputa global por la hegemonía. Los esfuerzos colectivos pueden intentar mitigar los complejos efectos de convertirse en una zona de influencia de los Estados Unidos, pero es importante seguir de cerca los resultados de las elecciones en países clave como Brasil y Colombia, que actualmente se diferencian de la tendencia hacia la derecha en varios países de la región. En el seguimiento de las organizaciones subregionales, el foro económico internacional patrocinado por la CAF reunió a jefes de Estado para discutir oportunidades conjuntas para los países de la región. Además, destacamos la toma de posesión del nuevo secretario ejecutivo del Organismo Andino de Salud Convenio Hipólito Unanue (ORAS-Conhu) y, por último, destacamos el lanzamiento de la candidatura de Michelle Bachellet para el puesto de secretaria general de la ONU.

Palabras clave: América Latina; Cooperación Internacional; Salud.

O ano de 2026 começou em um contexto de colapso da ordem global, onde os valores

que sustentam o multilateralismo, como desenvolvimento sustentável, solidariedade, soberania e autodeterminação dos povos, e a integridade territorial dos Estados, parecem ameaçados.

A arquitetura global sobre a qual se baseavam a OMC e o Sistema das Nações Unidas está seriamente fragilizada. O ano começou com um memorando presidencial da Casa Branca, ordenando a retirada dos Estados Unidos de 66 organizações internacionais (que não servem aos interesses dos EUA), incluindo 31 da ONU. Já no dia 22 de janeiro, com a Declaração Conjunta do Secretário de Estado Marco Rubio e do Secretário de Saúde e Serviços Humanos Robert F. Kennedy Jr., a retirada da OMS foi finalizada deixando uma dívida de cerca de US\$ 260 milhões em contribuições.

Até a chegada de Trump à Casa Branca, os Estados Unidos adotaram uma postura cautelosa em relação à política interna de outros países da região. O governo Trump, com a sua “*Doutrina Donroe*”, abandonou esse tom e essa atitude ambíguos, optando por agir sobre o princípio do excepcionalismo¹, abertamente em seus próprios interesses e contra seus adversários, ao mesmo tempo que buscava o alinhamento com aliados no “seu hemisfério”.

Desde os tempos da independência até o período da chamada Guerra Fria, os Estados Unidos buscaram limitar a influência externa na região da América Latina e do Caribe, por meio da criação de instituições multilaterais e do princípio da autodeterminação dos povos.

Os movimentos independentistas na América Latina foram fundados na ideia de soberania e autonomia. Mesmo antes do multilateralismo moderno, a América Latina experimentou formas iniciais de cooperação entre suas nações, como o Congresso Anfictiônico do Panamá (1826), promovido por Simón Bolívar, com a ideia de uma confederação de repúblicas; a busca por reconhecimento diplomático coletivo da Europa e dos Estados Unidos; e princípios como a não intervenção e a igualdade soberana, que mais tarde se tornariam pilares do direito internacional.

A integração dos países latino-americanos aos Estados Unidos levou à criação de muitas organizações multilaterais: a Liga das Nações de 1919, precursora das Nações Unidas, adotou os princípios discutidos na Conferência Interamericana de 1916². O Tratado de Segurança do Rio de Janeiro de 1947³ abriu caminho para a criação da OTAN em 1949. A Sétima Conferência Interamericana em Montevidéu, em 1933, levou à criação de acordos comerciais, conhecidos

1 O princípio do excepcionalismo inspirou inicialmente a política diplomática dos EUA e pressupunha a ideia de que os Estados Unidos se consideram “excepcionalmente” diferentes e superiores em termos morais, históricos e políticos, e, portanto, arrogam para si o direito de subjugar outros. Na prática, o princípio do “excepcionalismo” manifesta-se na justificativa de intervenções militares, no desrespeito a tratados ou normas internacionais, na aplicação de padrões duplos e na priorização do direito interno ou do interesse nacional em detrimento do direito internacional.

2 A Conferência Interamericana de 1916 foi um dos primeiros marcos do pan-americanismo, realizada em Buenos Aires no âmbito do fortalecimento do sistema interamericano promovido pelos Estados Unidos e pelos países da região. A Conferência Interamericana de 1916 foi um marco inicial do pan-americanismo, que ajudou a reduzir a influência extra hemisférica, especialmente a europeia. Realizada em Buenos Aires, no âmbito do fortalecimento do sistema interamericano, foi promovida pelos Estados Unidos e pelos países da região, trazendo à tona questões-chave do século XX, como soberania, multilateralismo, liderança dos EUA e autonomia latino-americana.

3 O Tratado de Segurança do Rio de Janeiro de 1947 institucionalizou a segurança hemisférica no contexto da Guerra Fria e foi uma ferramenta fundamental para limitar as influências externas.

como GATT, para reduzir as tarifas alfandegárias. A América Latina representou 40% do total de países participantes das negociações de Bretton Woods de 1944 e da Conferência de São Francisco, que deu origem às Nações Unidas.

Podemos afirmar que, até a chegada de Trump, a América Latina e o Caribe desempenharam um papel significativo na diplomacia global, contribuindo para a construção da arquitetura internacional multilateral e até mesmo ajudando a consolidar a região como uma zona de paz e tentando neutralizar o avanço econômico da China.

Originalmente, a Doutrina Monroe era um princípio diplomático anticolonial e anti-imperialista, proclamado unilateralmente pelos Estados Unidos em 1823. Condenando as intervenções europeias no continente americano, os Estados Unidos se apresentavam como guardiões do continente.

Trump restabelece o princípio do excepcionalismo, e a “Doutrina Donroe” representa uma expressão da ambição do presidente Donald Trump de impor sua dominância no Hemisfério Ocidental. Hoje, ela foi adaptada para a agenda “América Primeiro” de Trump e se refere aos esforços do governo para recompensar aliados, punir inimigos e bloquear outras potências mundiais.

A América Latina sempre foi uma forte defensora do multilateralismo, promovendo os ideais de não intervenção, a busca por soluções pacíficas para conflitos e o respeito ao direito internacional, valores que podem ser considerados inerentes ao DNA dos latino-americanos.

No cenário regional, a OEA, a CELAC, a UNASUL, o MERCOSUL, a SICA e a CARICOM consolidaram o multilateralismo como uma forma de reduzir as assimetrias de poder, coordenar posições diante de atores externos, além de servir como estratégia de defesa para os países e como estratégia diplomática, amplificando a voz dos países com menor poder relativo, limitando as decisões unilaterais das grandes potências e promovendo a defesa de bens públicos globais (saúde, clima, desenvolvimento), mesmo quando havia diferenças ideológicas internas.

O desembarque das forças armadas dos EUA em Caracas para prender o presidente Maduro e sua esposa, acusando-os de narcoterrorismo e tráfico de drogas, foi uma consequência da recente aprovação de sua Estratégia de Segurança 2025-2026 e que visa uma mudança substancial, afastando-se do multilateralismo institucionalizado e baseado em regras. Ela coloca a soberania dos EUA e seus interesses nacionais diretos acima de compromissos coletivos. Redefine as prioridades globais e regionais com foco especial no Hemisfério Ocidental e na competição estratégica com potências rivais.

Essa abordagem tem profundas implicações para a América Latina, a cooperação internacional e a própria interpretação de segurança no século XXI.

Inspirados nesta estratégia, os Estados Unidos realizaram uma operação militar para capturar Maduro na Venezuela, e Trump declarou sua intenção de supervisionar a mudança política. Essa ação contraria os princípios da autodeterminação e do multilateralismo baseados em normas internacionais, pois se tratou de uma intervenção militar unilateral sem um mandato internacional claro. Por essa razão, muitos governos, acadêmicos e ativistas a consideram uma violação da soberania e do direito internacional.

Fora da região, houve repercussão da ação dos Estados Unidos. A *China*⁴, por exemplo,

4 <https://iol.co.za/news/world/2026-01-04-heres-what-world-leaders-say-about-trumps-maduro-capture->

condenou veementemente a operação, afirmando que o uso da força contra um Estado soberano viola o direito internacional e exigindo a libertação imediata de Maduro e sua esposa. A **Rússia**⁵ exortou os EUA a reconsiderarem sua posição e libertarem Maduro, classificando a ação como “agressão armada”. Por fim, a **África do Sul** declarou que a operação é uma “violação flagrante da Carta da ONU” e convocou uma reunião do Conselho de Segurança.

Na região, o presidente do **Brasil**, Luiz Inácio Lula da Silva, afirmou que a ação “*ultrapassa uma linha inaceitável*” e mina o direito internacional. Na **Colômbia**, o presidente Gustavo Petro denunciou a intervenção como um “ataque à soberania latino-americana” que poderia desencadear uma crise humanitária. **Cuba** descreveu a intervenção como “*terrorismo de Estado*” contra a Venezuela. E o **México** expressou condenação do fato, afirmando que a ação “coloca em sério risco a estabilidade regional”, entre outros.

A reunião da **Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC)** para discutir o ataque dos EUA à Venezuela terminou no domingo, 4 de janeiro, sem consenso. Os Estados-membros da CELAC, cuja presidência é exercida pela Colômbia, refletiram pontos de vista diametralmente opostos sobre a operação na Venezuela. À direita, Argentina, Equador e El Salvador celebraram a queda de Maduro. Por outro lado, à esquerda, Brasil, Chile, Colômbia e México condenaram a ação, afirmando que a operação militar dos EUA “*cruzou uma linha inaceitável*”. O presidente Lula declarou que a ONU deve dar uma resposta “*vigorosa*” e afirmou que o Brasil está disponível para promover o diálogo e a cooperação, enquanto o Ministério das Relações Exteriores brasileiro reconheceu a vice-presidente Delcy Rodríguez como líder interina na ausência de Maduro.

Na OEA, o Secretário-Geral, Albert Ramdin deixou claro que a prioridade é evitar uma escalada do conflito e apoiar uma resolução pacífica, enfatizando o respeito ao direito internacional, aos direitos humanos e à vida civil.

Muitos Estados-membros da OEA emitiram declarações rejeitando a legitimidade de certos processos eleitorais e da posse de Maduro. Os Estados-membros da OEA parecem mais preocupados em exigir transparência eleitoral e respeito à vontade popular do que com a entrada unilateral de um país como os Estados Unidos em território venezuelano.

Parece meramente retórico que muitos países da OEA tenham apelado ao respeito ao direito internacional e a uma resolução pacífica da crise, mas não tenham se manifestado contra a forma como Maduro e sua esposa foram detidos.

A questão da Venezuela não parece estar totalmente resolvida, e ficou claro que, longe de qualquer preocupação com o narcotráfico, o narcoterrorismo ou o estado da democracia no país de Bolívar, a única preocupação real é o petróleo.

Sob o pretexto de não repetir o fracasso da ocupação do Iraque⁶, a Casa Branca optou por cooptar um setor da liderança chavista. O resultado visível é uma negociação que efetivamente

-as-china-weighs-in

5 <https://thewire.in/world/world-takes-sides-after-us-strikes-venezuela-and-captures-maduro>

6 O fracasso da ocupação americana do Iraque entre 2003 e 2011 pode ser atribuído a uma série de erros estratégicos, políticos e sociais que, em última análise, deslegitimaram a intervenção e seus objetivos declarados. De uma perspectiva estratégica, a invasão americana não consolidou a democracia, não pacificou o país e desestabilizou a região. Autores como Ricks, T (2003) ; Packer, G., entre outros, analisam este fracasso.

removeu Maduro, que agora é prisioneiro nos EUA; a presidência está agora nas mãos do vice-presidente, respeitando a lei de sucessão; e ministros chavistas estão encarregados de gerir as áreas “linha-dura” das forças armadas e de segurança.

Não havia um plano para uma transição democrática, baseado na oposição política que alcançou uma inegável vitória eleitoral, e não há esboço de tal transição. A agenda está focada no petróleo e na política externa. Os dados são conclusivos: o petróleo está sendo enviado para o mercado americano. A maior empresa petrolífera privada sobrevive, e na política externa, a nova agenda venezuelana exclui os três países aliados: Rússia, China e Cuba. Hoje, só existe a “*agenda de invasão*”, não há licitações de petróleo à vista e a situação de muitos presos políticos é ignorada.

Eleições na América Latina em 2026

Diversos países da região realizarão eleições presidenciais e legislativas, muitas delas com impacto significativo. A questão é: ***a região continuará sua inclinação à direita?***

A Casa Branca continua a ver com bons olhos e a incentivar movimentos para a direita em “seu hemisfério”, como aconteceu em Honduras e na Argentina durante 2025.

Os eleitores, diante da polarização política, darão a resposta desde as primeiras eleições da Costa Rica, em fevereiro, até as eleições brasileiras, em outubro. Entre esses dois marcos eleitorais, Peru, Colômbia e Haiti também planejam escolher novos líderes.

A **Costa Rica**⁷ realizou suas eleições gerais em fevereiro, com um possível segundo turno em abril. A eleição é vista como um teste de continuidade para o governo cessante e suas políticas de segurança, economia e Estado de Direito. Laura Fernández, de 39 anos, será a próxima Presidente da Costa Rica e assumirá o cargo em 8 de maio de 2026, para um mandato de quatro anos (2026-2030).

O **Peru** realizará eleições gerais para presidente e legislativo em abril. O Peru vivencia um alto nível de fragmentação partidária e desconfiança pública, com inúmeros candidatos e dúvidas sobre a transparência do processo. 73% dos cidadãos não sabem quando as eleições serão realizadas e mais de 80% ainda não decidiram em quem votar. A desconfiança nos órgãos eleitorais e a apatia política marcam o início da corrida eleitoral no Peru⁸.

7 Em 1º de fevereiro de 2026, a Costa Rica realizou eleições gerais nas quais os cidadãos votaram para eleger o Presidente da República, dois Vice-Presidentes e os 57 membros da Assembleia Legislativa para o mandato de 2026-2030. Vinte candidatos concorreram à presidência, e Laura Fernández Delgado, do Partido Soberano do Povo (PPSO), obteve a maioria dos votos com aproximadamente 48-49%, ultrapassando o limite necessário para vencer no primeiro turno sem necessidade de segundo turno. Seu principal adversário, Álvaro Ramos, do Partido da Libertação Nacional (PLN), ficou em segundo lugar com aproximadamente 33% dos votos. <https://www.ft.com/content/232a2df2-7783-4a20-affd-82faa2ac2b12>

Laura Fernández, de 39 anos, será a próxima Presidente da Costa Rica e assumirá o cargo em 8 de maio de 2026, para um mandato de quatro anos (2026-2030) <https://www.reuters.com/world/americas/laura-fernandez-costa-ricas-next-president-aims-keep-populist-path-2026-02-02/>. Fernández é vista como a sucessora do legado do presidente cessante, Rodrigo Chaves Robles, com uma abordagem conservadora, forte ênfase em segurança e políticas populistas. Suas propostas políticas incluem o enfrentamento da crescente violência ligada ao tráfico de drogas e ao crime; reformas institucionais, incluindo a possibilidade de modificações constitucionais. <https://amcostarica.com/Costa%20Rica%20News%20Laura%20Fernandez%20Wins%20Costa%20Rica%20Presidential%20Election%20020126.html>

8 <https://www.infobae.com/peru/2025/10/19/elecciones-2026-peruanos-poco-informados-e-indecisos-ante-los-proximos-comicios-segun-datum>

A **Colômbia** realizará eleições legislativas em março e eleições presidenciais em maio, com um possível segundo turno em junho. Na Colômbia, as eleições são cruciais após um mandato de esquerda, com debates sobre segurança, violência política e a continuidade das reformas. Historicamente, a Colômbia tem sido um dos parceiros mais próximos de Washington na região, designada como um aliado-chave fora da OTAN e um elemento fundamental para a estabilidade hemisférica⁹, no entanto, a chegada de Petro e Trump ao Executivo e o endurecimento da política migratória dos Estados Unidos deteriorou as relações entre os países, inclusive com troca de ameaças e insultos em mídias sociais e sanções. Recentemente, alguns exemplos de distensão têm ganhado visibilidade, como por exemplo, a ligação entre os presidentes e a reunião realizada por Gustavo Petro a Casa Branca¹⁰. No entanto, ainda há grande incerteza sobre quais serão os próximos episódios entre Washington e Bogotá e a "participação" dos EUA nas eleições colombianas.

O **Brasil** realizará suas eleições em outubro, com um possível segundo turno. O Brasil atravessa um período de intensa disputa política na preparação para as eleições nacionais de outubro de 2026¹¹. A política do país é marcada por uma forte polarização entre a esquerda, a direita e as forças de centro, com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a continuidade do legado político de Jair Bolsonaro no centro desse debate¹².

O **Haiti** realizará eleições legislativas e presidenciais, provisoriamente agendadas para agosto. O governo de transição do Haiti convoca eleições para 2026, após nove anos sem eleições, em meio a uma profunda crise política e à violência de gangues que controla quase completamente Porto Príncipe¹³.

Em nível subnacional, a **Bolívia** realizará eleições departamentais e municipais, o **México** realizará eleições estaduais e outras eleições subnacionais, e o **Paraguai** realizará eleições municipais.

A questão é se esse avanço da direita na região terá consequências geopolíticas, com os Estados Unidos desempenhando um papel mais proeminente e se posicionando acima de seu rival chinês na região.

A intervenção militar na Venezuela e a prisão de Nicolás Maduro em janeiro de 2026 representaram um ponto de inflexão com profundas consequências políticas, de segurança e econômicas.

9 Em 2025, a relação atingiu seu ponto mais baixo em décadas devido às tensões entre o presidente Gustavo Petro e o governo republicano de Donald Trump <https://www.france24.com/es/am%C3%A9rica-latina/20260105-de-aliados-a-enemigos-crece-la-distancia-en-la-relaci%C3%B3n-entre-colombia-y-estados-unidos>. O próximo governo colombiano herdará um cenário de crescente violência e fragmentação do crime, tornando essencial a cooperação com os Estados Unidos em segurança e combate ao narcotráfico. Embora a reconstrução da confiança seja gradual, ambos os países têm incentivos para fortalecer a aliança, priorizando a comunicação pragmática e a colaboração em questões críticas.

10 <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2026/02/03/encontr-trump-petro-casa-branca.ghtml>

11 <https://www.riotimesonline.com/commentary-brazils-2026-election-heads-toward-a-fiscal-squeeze-who-ever-wins>

12 <https://www.economist.com/the-americas/2025/12/28/brazils-general-election-will-be-all-about-lula-again>

13 <https://www.eltiempo.com/mundo/latinoamerica/gobierno-de-transicion-de-haiti-convoca-elecciones-en-2026-tras-nueve-anos-de-no-celebrarse-comicios-restablecer-la-seguridad-sera-requisito-previo-3513879?>

Recentemente, **Cuba** também se tornou um ponto focal para negociações e pressão diplomática dos Estados Unidos. Trump declarou "estado de emergência nacional" em relação a Cuba, classificando o regime cubano como "*uma ameaça extraordinária e incomum*" à segurança dos EUA e anunciando tarifas sobre os países que fornecem petróleo para a ilha. Isso faz parte de uma estratégia de pressão máxima para enfraquecer o governo cubano em meio a uma crise energética e econômica¹⁴. No entanto, no domingo, a presidente mexicana Claudia Sheinbaum anunciou sua intenção de enviar ajuda humanitária à ilha e disse que estava trabalhando em uma maneira de continuar os embarques de petróleo bruto¹⁵.

As declarações de Trump foram recebidas com uma resposta do Vice-Ministro das Relações Exteriores da Ilha, que afirmou que o regime cubano e os Estados Unidos mantêm comunicação e trocam mensagens, mas não mantêm um diálogo formal: "*Trocamos mensagens, temos embaixadas, tivemos comunicações, mas não podemos dizer que tivemos uma mesa de diálogo.*"

O Vice-ministro das Relações Exteriores de Cuba, Fernández de Cossío, afirmou que qualquer reaproximação entre Cuba e os Estados Unidos deve ser baseada em princípios claros. "*Um diálogo sério, responsável, fundamentado no direito internacional, no respeito à igualdade soberana de nossos Estados e que conduza a uma relação respeitosa entre os dois países*¹⁶."

As trocas entre os Estados Unidos e Cuba, e a relação desta última com os chineses e russos, parecem indicar que a ilha irá moldar um novo episódio na saga da atual política e estratégia de segurança dos EUA.

Crescimento Moderado da Região

Outro fator determinante para a região é a projeção de crescimento moderado. A CEPAL prevê que o PIB regional crescerá, em média, cerca de 2,3% em 2026, impulsionado principalmente pelo consumo interno e com menor apoio da demanda externa. Isso mantém um período de crescimento moderado e baixo para a região¹⁷.

Essa taxa de crescimento seria semelhante à de 2025 (em torno de 2,4%) e reflete quatro anos consecutivos de crescimento limitado em comparação com outras regiões emergentes. Esses indicadores destacam que a região enfrenta condições externas menos favoráveis, uma recuperação econômica desigual entre os países, investimentos ainda moderados e desafios estruturais (como baixa produtividade e fraco emprego) que restringem um crescimento mais robusto.

14 As declarações do presidente dos EUA ocorreram dias depois de ele ter declarado Cuba uma ameaça à segurança nacional e anunciado tarifas sobre qualquer nação que envie petróleo para a ilha caribenha. Trump assinou uma ordem executiva na quinta-feira ameaçando impor essas medidas, considerando Cuba uma "ameaça excepcional" aos Estados Unidos. <https://www.reuters.com/world/americas/trump-impose-tariffs-goods-nations-nations-giving-oil-cuba-white-house-says-2026-01-29>

15 <https://www.pagina12.com.ar/2026/02/02/sheinbaum-anuncio-el-envio-de-ayuda-a-cuba-ante-las-amenazas-de-trump/>

16 <https://www.infobae.com/america/america-latina/2026/02/03/el-vicecanciller-del-regimen-cubano-confirma-que-existio-un-intercambio-de-mensajes-con-eeuu-pero-aclaro-que-no-existe-un-dialogo/>

17 <https://www.cepal.org/es/comunicados/la-cepal-senala-que-la-region-registra-cuatro-anos-seguidos-crecimiento-enfrentara-un>

O *Atlantic Council*¹⁸ indica que, embora a maioria dos países não vá vivenciar um ano de transformação, a Argentina e a Guiana se destacam como exceções. O relatório identifica a *Argentina* como uma exceção positiva, onde a estabilização e a recuperação macroeconômica podem permitir um crescimento regional acima da média. Isso posiciona o país como um dos mais dinâmicos da região neste ano. A *Guiana* se destaca como um caso particularmente relevante: é mencionada como o único país caribenho que poderá figurar entre as 30 economias de crescimento mais rápido do mundo até 2026, impulsionada principalmente pelo *boom* do petróleo e pelo investimento no setor energético. A análise do Atlantic Council não fornece um número específico para o crescimento do PIB do *Brasil* em 2026, mas observa que a economia enfrenta pressões econômicas significativas, além de preocupações com a segurança, impactando tanto o clima político quanto o ambiente de investimento e crescimento. De acordo com estimativas do Banco Mundial, a economia brasileira deverá moderar e crescer aproximadamente 2% em 2026, uma desaceleração em relação a 2025, impulsionada por políticas monetárias mais restritivas e fatores externos¹⁹.

O crescimento baixo e instável (aproximadamente 2%) é insuficiente para reduzir de forma sustentável a pobreza e a desigualdade na região²⁰. Como resultado, as melhorias sociais são frágeis²¹: diante de crises econômicas, milhões de latino-americanos voltam a viver na pobreza. Os altos níveis de emprego informal limitam os salários, a proteção social e a mobilidade social. Essa desigualdade persistente, mesmo durante períodos de crescimento, gera agitação social. Além disso, o baixo crescimento reduz a capacidade de arrecadação do Estado e os recursos destinados à educação, saúde e segurança, alimentando a insegurança, os protestos sociais e a desconfiança institucional. Uma das consequências é o aumento da migração na região e a redução da coesão social. Em conclusão, sem um crescimento mais elevado, sustentado e inclusivo, a América Latina não alcançará melhorias sociais duradouras e poderá entrar em um ciclo de estagnação e instabilidade²².

Revisão do Acordo Estados Unidos-México-Canadá (USMCA)

Este ano, espera-se que o *Acordo Estados Unidos-México-Canadá (USMCA)* seja revisado, em meio a pressões econômicas e políticas entre os três países. O Atlantic Council destaca que os Estados Unidos podem exigir maior conformidade com as normas trabalhistas e ambientais, bem como mecanismos para impedir que produtos chineses acessem os benefícios do tratado por meio de terceiros.

18 O Atlantic Council, um influente think tank focado em política internacional e relações transatlânticas, identificou diversos desafios políticos, econômicos e sociais cruciais que moldarão o rumo da América Latina e do Caribe em 2026. <https://www.atlanticcouncil.org/commentary/spotlight/latin-america-and-the-caribbean-in-2026-ten-defining-questions-for-the-year-ahead>

19 <https://www.bloomberglinea.com/economia/banco-mundial-revela-la-lista-de-paises-de-latinoamerica-y-el-caribe-que-mas-crecerian-en-2026>

20 <https://larepublica.pe/economia/2025/11/27/cepal-alerta-la-desigualdad-en-america-latina-es-incompatible-con-el-desarrollo-y-agrava-la-crisis-social-hnews-1137375>

21 https://celade.cepal.org/documentos/plataforma/Update/Segundo%20InformeRegional_junio26_2024/S2400528_es.pdf

22 <https://revistamercado.do/money-invest/la-desigualdad-frena-el-futuro-economico-de-latinoamerica>

O **México** provavelmente buscará maior flexibilidade nos setores de energia e automóveis, enquanto o Canadá poderá solicitar ajustes no comércio digital e no acesso aos mercados de laticínios. Dada a alta interconexão das economias norte-americanas em setores como o automotivo, o agrícola e o energético, mesmo pequenas mudanças teriam efeitos significativos nas cadeias de suprimentos.

O cenário mais provável é uma revisão abrangente que mantenha os benefícios essenciais do USMCA, com possíveis esclarecimentos e ferramentas de conformidade reforçadas, sem uma reescrita completa do acordo.

América Latina: Presa no meio da disputa entre os Estados Unidos e a China

Como relatamos nestes Cadernos, a América Latina sofre com a pressão e a disputa pela hegemonia entre os Estados Unidos e a China: uma competição geopolítica e geoeconômica que está se tornando cada vez mais importante na região. A questão é: ***quais serão as perspectivas para o ano que se iniciou?***

Nas últimas duas décadas, a China desenvolveu uma relação muito mais ampla e profunda com a América Latina, não apenas como parceira comercial, mas também como investidora em setores estratégicos e importante financiadora.

Os Estados Unidos, historicamente dominantes na região, veem essa expansão como uma ameaça à sua influência tradicional e buscam reafirmar-se por meio de políticas diplomáticas e econômicas, em consonância com sua Estratégia de Segurança Hemisférica.

Diante desse cenário de disputa, muitos países da região estão buscando uma terceira via - não se alinhando totalmente nem com os EUA nem com a China - por meio de estratégias de equilíbrio que lhes permitam tirar proveito de ambos sem se submeter a uma única potência.

Isso talvez indique que a América Latina não é um “quintal” passivo, mas um ator com capacidade de ação, buscando navegar entre interesses conflitantes e preservar sua autonomia. O 2026 será um ano em que alianças flexíveis e diversificação econômica definirão quem obterá maior influência na região, bem como a capacidade dos países latino-americanos de elaborar suas próprias estratégias sem sacrificar o desenvolvimento.

Da mesma forma, a União Europeia, os países do Oriente Médio e a Índia também deverão ter oportunidades de expandir significativamente sua participação comercial na região até 2026, devido à conectividade da região com o resto do mundo e aos esforços da região para diversificar seus parceiros comerciais em resposta às novas tarifas dos EUA e outras políticas.

A diversificação de mercado poderia permitir um papel mais ativo na Ásia, na Europa e na região, potencialmente reduzindo a dependência de um único ator hegemônico. A cooperação em ciência tecnologia e educacional poderia viabilizar alianças com múltiplos parceiros, impulsionando o desenvolvimento em setores estratégicos, como o Complexo Industrial e Produtivo da Saúde da América Latina, para além dos recursos naturais.

Os impactos na Saúde na América Latina

Assim como o ano começou com grandes movimentações na América Latina, alguns impactos na saúde da população também estão sendo observados. Nesse sentido, 2026 começou com a presença de diversos eventos de saúde:

Surto de Sarampo no México: O México está vivenciando um surto significativo de

sarampo, com milhares de casos e dezenas de mortes confirmadas em janeiro de 2026. As autoridades perderam temporariamente o status de país livre de sarampo e uma forte campanha de vacinação está em andamento para retomar o controle. Até 19 de janeiro de 2026, mais de 7.100 casos confirmados e pelo menos 24 mortes por sarampo foram relatados em todo o país. O surto ocorreu em todos os 32 estados mexicanos, afetando principalmente crianças pequenas e pessoas não vacinadas. Os estados com o maior número de casos até o momento são: Chihuahua (com a maioria dos casos); Jalisco; e Chiapas. Casos também foram relatados em outros estados nas regiões norte, central e sul do país. Autoridades de saúde indicaram que a baixa cobertura vacinal em algumas comunidades facilitou a disseminação do vírus²³.

A queda nas taxas de vacinação na região está impactando a saúde, com aumento dos riscos de doenças preveníveis²⁴, pressão sobre os serviços de imunização e necessidade de fortalecer a cobertura vacinal para prevenir novas infecções²⁵.

Aumento de Infecções por Sífilis na Argentina: Relatórios indicam que os casos de sífilis dobraram recentemente, com um aumento notável entre jovens e gestantes. Menciona-se uma redução nas políticas de prevenção. O Boletim Epidemiológico Nacional²⁶, publicado pelo Ministério da Saúde da Argentina, informou que em 2025 foram registrados 55.183 casos de sífilis na Argentina, um número recorde e o mais alto dos últimos cinco anos. Isso representa um aumento de 71% em comparação com a mediana do número de casos entre 2020 e 2024²⁷. Em comparação com 2024, o aumento foi de cerca de 26%, segundo dados oficiais²⁸. Nas primeiras semanas de 2026, os casos continuaram a aumentar, dobrando em relação à mediana histórica²⁹.

Ondas de Calor e Medidas Urbanas no Chile: Diante de um alerta de calor extremo, abrigos urbanos com água estão sendo implementados em Santiago para proteger populações vulneráveis (crianças e idosos) do calor intenso³⁰. As ondas de calor, como resultado do impacto da mudança climática tem impacto na saúde, gerando estresse térmico, a exaustão e as doenças relacionadas ao calor estão aumentando com as mudanças climáticas, exigindo infraestrutura e políticas de adaptação. Isso representa um aumento de 71% em comparação com a mediana do número de casos entre 2020 e 2024. Em comparação com 2024, o aumento foi de cerca de 26%, segundo dados oficiais. Nas primeiras semanas de 2026, os casos continuaram a aumentar,

23 <https://elpais.com/mexico/2026-01-20/mexico-tiene-dos-meses-para-contener-el-brote-de-sarampion-y-no-perder-el-estatus-de-libre-de-la-enfermedad.html>

24 <https://www.nmas.com.mx/salud/brote-de-sarampion-mexico-refuerza-plan-de-vacunacion-con-aplicacion-de-dosis-cero>

25 <https://www.infobae.com/mexico/2026/01/19/sarampion-en-mexico-secretaria-de-salud-explica-por-que-hubo-aumento-de-casos>

26 <https://www.argentina.gob.ar/anac/sifilis-en-argentina-informacion-clave-para-prevenir-y-actuar-tiempo?>

27 <https://elpais.com/argentina/2026-01-21/los-contagios-de-sifilis-se-duplican-en-argentina.html>

28 <https://www.infobae.com/salud/2026/01/19/fuerte-aumento-de-una-infeccion-de-transmision-sexual-en-argentina-los-casos-presentan-la-mayor-suba-en-cinco-anos/>

29 https://www.clarin.com/sociedad/dispara-peligrosa-enfermedad-contagio-sexual-alertan-via-infeccion-conocida_O_MZULEEhMMR.html

30 <https://blog.meteochile.gob.cl/2025/11/27/olas-de-calor-el-peligro-silencioso-que-se-multiplica-en-chile>

dobrando em relação à mediana histórica^{31, 32}.

Crise de Saúde Mental no Chile: Incidentes repetidos em espaços públicos evidenciam uma crise de saúde mental que ultrapassa a capacidade do setor de saúde tradicional. O Chile continua entre os países onde a maioria das pessoas percebe a saúde mental como um problema sério. Um estudo recente³³ mostrou que aproximadamente 68% da população identifica a saúde mental como o principal problema de saúde, bem acima da média global. Evidencia-se um aumento da necessidade de serviços de saúde mental, investimento em prevenção e apoio comunitário. Esse mal-estar generalizado inclui altos níveis de tristeza, ansiedade, estresse e sintomas depressivos que afetam grande parte da população chilena, tanto adultos quanto jovens. Em particular, mais de 60% dos jovens chilenos relatam sintomas de ansiedade e depressão, segundo um estudo recente com estudantes³⁴.

O sistema público de saúde enfrenta escassez de recursos e especialistas, com algumas regiões sofrendo colapso dos serviços³⁵.

A proposta de orçamento para 2026 e os cortes em programas sociais geraram preocupação e protestos³⁶.

Eventos Sociais e Direitos Relacionados à Saúde: Na Colômbia, as discussões públicas sobre os direitos de pessoas trans e não binárias (incluindo aspectos de saúde integral) se destacam como parte da agenda social do ano. Os fatos reforçam a importância de políticas que abordem a saúde inclusiva e o acesso a serviços adequados para diversas populações. A Lei Integral e abrangente sobre Pessoas Transgênero ainda está em discussão no Congresso, com o apoio de organizações sociais³⁷.

A Colômbia tomou medidas concretas para o reconhecimento de diversas identidades, como a inclusão das categorias "trans" e "não-binário" em documentos oficiais, como carteiras de identidade nacionais, carteiras de identidade e registros civis, implementada até 2026 pelo Registro Nacional para garantir que as pessoas possam refletir seu gênero em seus documentos de identificação legal³⁸.

Apesar dos avanços legais e jurídicos, a violência contra pessoas transgênero e não binárias

31 <https://www.ine.gob.cl/sala-de-prensa/prensa/general/noticia/2021/01/22/olas-de-calor-en-chile-aumentaron-de-9-a-62-en-las-%C3%BAltimas-diez-temporadas>

32 <https://blog.meteochile.gob.cl/2025/03/20/islas-de-calor-ciudades-en-llamas>

33 https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/publication/documents/2025-10/lpsos%20-%20Informe%20de%20Servicios%20de%20Salud%202025_0.pdf

34 <https://www.infobae.com/america/america-latina/2025/02/17/un-estudio-revelo-que-mas-del-60-de-los-jovenes-chilenos-sufre-de-ansiedad-y-depresion>

35 <https://lasnoticiasdemalleco.cl/informacion-general/la-araucania-enfrenta-colapso-en-salud-mental-infantil-y-juvenil>

36 <https://eldesconcierto.cl/2025/10/26/presupuesto-2026-de-desarrollo-social-millonarios-recortes-en-salud-mental-ninez-e-identidad-de-genero-encendieron-protesta-de-trabajadores>

37 <https://www.camara.gov.co/aprobada-en-primer-debate-la-ley-integral-trans>

38 <https://www.washingtonblade.com/2025/12/02/colombia-anuncio-la-inclusion-de-las-categorias-trans-y-no-binario-en-los-documentos-de-identidad>

permanece alta, com transfeminicídios³⁹, como o brutal assassinato de Sara Millerey González em 2025, provocando indignação pública e evidenciando a persistência da violência extrema e a necessidade de medidas de proteção eficazes⁴⁰. Movimentos contra políticas relacionadas à saúde de menores transgênero - por exemplo, marchas organizadas por grupos conservadores sobre o tema da "cirurgia de redesignação sexual para menores" - refletem tensões sociais e debates polarizados em alguns setores⁴¹.

Migração Venezuelana e Saúde Pública: Desde meados da década de 2010, mais de 7,7 milhões de pessoas deixaram a Venezuela em busca de proteção, estabilidade econômica e melhores condições de vida fora do país. Esse fluxo constitui uma das maiores crises de deslocamento da América Latina⁴². As discussões sobre as mudanças políticas na Venezuela - incluindo a queda de Maduro e sua mulher - reacenderam os debates sobre o possível retorno de venezuelanos que emigraram nos últimos anos. Embora a situação permaneça instável, esse potencial retorno poderia influenciar as tendências migratórias em 2026 e nos anos seguintes, e teria implicações significativas para os sistemas de saúde da região.

O acesso aos serviços de saúde, a sobrecarga dos recursos e as barreiras legais continuam sendo desafios persistentes, embora tenha havido progresso na integração dos sistemas de saúde⁴³. Um possível retorno de migrantes venezuelanos - caso ocorra em larga escala - apresenta desafios e oportunidades para o planejamento de saúde pública em toda a região. Uma resposta eficaz depende de políticas coordenadas, acesso universal aos serviços e cooperação regional sustentada. Os fluxos migratórios - incluindo a potencial migração de retorno - criam tensões, mas também oportunidades para o desenvolvimento e a cooperação.

Mudanças Climáticas e Segurança Alimentar: Embora não seja uma questão exclusiva de 2026, relatórios recentes mostram que quase três quartos dos países da América Latina e do Caribe estão altamente expostos a eventos climáticos extremos, impactando a segurança alimentar e nutricional. As mudanças climáticas estão exacerbando a exposição da América Latina e do Caribe a eventos climáticos extremos, impactando negativamente a segurança alimentar e nutricional na maioria dos países da região, afetando a produção agrícola, o abastecimento de alimentos e aumentando a vulnerabilidade das populações mais desfavorecidas⁴⁴.

Embora tenha havido progresso em algumas áreas, a necessidade urgente de fortalecer sistemas alimentares resilientes e políticas de adaptação climática está se tornando cada vez

39 <https://globalvoices.org/2025/05/14/enough-already-a-voice-from-the-trans-community-facing-horror-in-colombia>

40 <https://globalvoices.org/2025/05/14/enough-already-a-voice-from-the-trans-community-facing-horror-in-colombia>

41 <https://www.ewtnnews.com/world/americas/march-called-to-protest-government-for-pushing-sex-changes-for-minors-in-colombia>

42 <https://disasterphilanthropy.org/disasters/venezuelan-refugee-crisis>

43 <https://www.paho.org/en/news/5-4-2024-colombia-selected-host-world-health-organizations-fifth-global-school-health-and>

44 <https://www.fao.org/newsroom/detail/new-un-report--74-percent-of-latin-american-and-caribbean-countries-are-highly-exposed-to-extreme-weather-events--affecting-food-security>

mais evidente para proteger as comunidades dos crescentes impactos das mudanças climáticas. A insegurança alimentar e a desnutrição - incluindo a desnutrição infantil - continuam em níveis preocupantes em 2026, impulsionadas por múltiplos choques climáticos, econômicos e sociais. Embora haja progressos na América Latina e Caribe, - a exposição climática elevada e vulnerabilidades estruturais aumentam o risco de que esses problemas se agravem ou se sustentem sem políticas eficazes de adaptação e proteção social⁴⁵. Crianças e grupos socialmente vulneráveis são particularmente afetados, o que reforça a necessidade de fortalecer sistemas de nutrição, apoio alimentar e resiliência rural para reduzir o impacto desses fenômenos no longo prazo

Plano Estratégico da OPAS 2026-2031: A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) lançou um plano regional para fortalecer os sistemas de saúde entre 2026 e 2031, com foco em doenças transmissíveis e não transmissíveis, saúde mental e preparação para emergências. Trata-se do roteiro que orientará a ação coletiva em saúde dos países das Américas até 2031, apresentado grandes desafios em virtude do posicionamento do Estados Unidos, que tem manifestado importantes críticas nas reuniões dos Corpos Diretivos da Organização.

O Plano tem cinco pilares, que incluem:

1. Promover a saúde para todas as pessoas, abordando os determinantes sociais, os desafios ambientais e os fatores de risco.
2. Construir sistemas de saúde resilientes e universais com base na atenção primária à saúde.
3. Acelerar a prevenção e o controle de doenças transmissíveis e não transmissíveis, incluindo a saúde mental.
4. Fortalecer a preparação e a resposta a emergências de saúde pública.
5. Reforçar a liderança, a governança e a capacidade técnica da OPAS para gerar impacto na região.

A implementação eficaz do Plano exige a superação de desafios relacionados ao financiamento, ao compromisso político contínuo, à capacidade técnica e à coordenação multissetorial em um contexto regional complexo de saúde. O sucesso do Plano dependerá da capacidade do Secretariado da OPAS de liderar o apoio dos países membros, principalmente dos Estados Unidos, bem como de outros países com governos de direita alinhados à política americana. Isso exigirá a reafirmação do compromisso contínuo dos Ministros da Saúde da região em transformar as prioridades delineadas no plano em ações concretas que beneficiem a região.

Num cenário de Reengenharia da Arquitetura Global em Saúde, alguns autores elaboraram documentos afirmando que a OPAS deve ser reajustada e até propõem a criação de uma nova governança para a saúde da região⁴⁶.

Uruguai destinado a desempenhar um papel fundamental no Sul Global

45 <https://www.paho.org/en/news/27-1-2025-new-report-74-percent-latin-american-and-caribbean-countries-are-highly-exposed>

46 https://lacforglobalhealth.org/wp-content/uploads/2025/12/LAC-Dialogue-Global-Health_Final-Report_4Dec-4.pdf

Nesse cenário turbulento que descrevemos, o pequeno país do Cone Sul, Uruguai, teve que assumir a liderança de dois blocos importantes. Por um lado, assumiu pela primeira vez a **presidência do Grupo dos 77 (G77) mais a China**, o principal fórum de coordenação política para o mundo em desenvolvimento no âmbito das Nações Unidas, composto por mais de 130 países da África, Ásia-Pacífico, América Latina e Caribe.

Em seu comunicado à imprensa, o Ministério das Relações Exteriores do Uruguai declarou: *“O Grupo dos 77 é a maior organização intergovernamental de países em desenvolvimento dentro do sistema das Nações Unidas. Desde a sua criação, tem sido um fórum importante para os países do Sul Global articularem e promoverem seus interesses econômicos coletivos, fortalecerem sua capacidade de negociação conjunta sobre questões-chave de desenvolvimento e fomentarem a cooperação Sul-Sul.”*

“Durante a Presidência, o Uruguai é responsável por coordenar posições comuns e conduzir negociações-chave, uma tarefa de grande responsabilidade que constitui um desafio significativo para a diplomacia nacional. O exercício desta Presidência representa um marco relevante para a política externa uruguaia e uma oportunidade de projetar o país no cenário internacional.”

O Ministro das Relações Exteriores do Uruguai, Mario Lubetkin, expressou a *“firme determinação em defender os objetivos e princípios da Carta das Nações Unidas e, nesse contexto, defender os interesses do Grupo e fortalecer sua posição no sistema das Nações Unidas”*.

“A Presidência do Uruguai será guiada pelas prioridades acordadas pelo Grupo para 2026 e terá como objetivo assegurar a continuidade, a coerência e o acompanhamento eficaz do amplo programa de trabalho do G77 mais a China. Nossa abordagem será a de uma Presidência facilitadora, comprometida com o fortalecimento da coesão interna do Grupo e com a garantia de que a voz do Sul Global permaneça coordenada, construtiva e relevante dentro do sistema multilateral.”

“O fortalecimento da cooperação Sul-Sul e triangular é essencial para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, como complemento à tradicional cooperação Norte-Sul”,

“...O Uruguai promoverá iniciativas que visem reforçar os mecanismos de cooperação e debater a reforma da arquitetura financeira internacional em espaços mais inclusivos.”

O Uruguai enfatizou a *“necessidade urgente de revitalizar as Nações Unidas como o fórum central para abordar os desafios globais”*. O Ministro das Relações Exteriores do Uruguai afirmou que *“vimos que não há desenvolvimento sem paz, nem paz sem desenvolvimento”*.

“O Uruguai assume a Presidência do Grupo dos 77 e China com um firme compromisso de promover a cooperação, a solidariedade e o desenvolvimento por meio de uma liderança transparente, aberta e inclusiva. Nossa agenda refletirá as prioridades de todos os Estados-membros e buscará fortalecer a voz dos países em desenvolvimento no cenário internacional, caminhando rumo a um futuro mais equitativo, sustentável e pacífico, do qual precisamos agora mais do que nunca.”

O Uruguai terá que enfrentar **desafios significativos**^{47, 48}

47 <https://www.gub.uy/agencia-uruguay-cooperacion-internacional/comunicacion/noticias/uruguay-priorizara-cooperacion-solidaridad-desarrollo-durante-su-presidencia>

48 <https://paraguay.un.org/es/308343-uruguay-asumi%C3%B3-la-presidencia-del-grupo-de-los-77-y-china-para-el-a%C3%B1o-2026>

1. **Coordenar um bloco extremamente diverso**, o que exigirá a construção de um consenso mínimo entre interesses por vezes conflitantes (exportadores de petróleo versus países vulneráveis às mudanças climáticas; China versus países endividados; grandes versus pequenas economias). Para o Uruguai, como um pequeno país com tradição diplomática, isso exige um papel de mediação credível e pragmático.
2. **Defendendo a agenda de desenvolvimento do Sul Global**: O Uruguai deve promover as demandas históricas do G77 em um contexto internacional adverso, onde se discute a reforma da arquitetura financeira internacional⁴⁹ (Banco Mundial, FMI); o acesso a financiamento concessional para países de renda média; a transferência de tecnologia e conhecimento; e os desafios impostos pela Agenda 2030 e seus ODS⁵⁰, que parecem improváveis de serem atendidos.
3. **Conduzir negociações diplomáticas com a China dentro do grupo**: A China não é formalmente membro do G77, mas é um ator dominante dentro do bloco. O Uruguai deve evitar que o G77 seja percebido como um instrumento da política chinesa; manter um equilíbrio entre a cooperação Sul-Sul e a autonomia política do grupo; e conter as tensões entre os países que dependem da China e outros que buscam diversificar suas alianças⁵¹.
4. **Posicionamento dos Países de Renda Média**: Como país de renda média, o Uruguai representa um grupo de países que não recebem mais ajuda tradicional, mas continuam a enfrentar restrições estruturais. Os países de renda média enfrentam desafios significativos relacionados ao acesso ao financiamento climático; ao endividamento e à vulnerabilidade externa; e à falta de reconhecimento em estruturas de cooperação internacional.
5. **Promover a agenda climática e ambiental**: Muitos membros do G77 são altamente vulneráveis às mudanças climáticas, portanto, o Uruguai precisará articular posições comuns sobre financiamento climático; equilibrar os interesses dos países produtores de combustíveis fósseis com os daqueles mais afetados por desastres climáticos; e defender o princípio das responsabilidades comuns, porém diferenciadas.
6. **Dar visibilidade internacional à liderança uruguaia**: como uma oportunidade (e um desafio) para fortalecer seu perfil como um ator multilateral confiável; demonstrar capacidade de liderança a partir do Sul Global; traduzir o papel diplomático em capital político internacional, com os recursos limitados de um pequeno país.

Por outro lado, o Uruguai assumirá a **Presidência Pro Tempore da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC)** em março de 2026. A presidência pro tempore do Uruguai na CELAC em 2026 coloca o país em uma posição central na coordenação regional, com desafios relacionados a:

49 <https://www.debate.com.uy/mundo/uruguay-asume-la-presidencia-del-g77--china-en-2026-y-se-convierte-en-voz-clave-del-sur-global-20260114-0040.html>

50 <https://www.debate.com.uy/mundo/uruguay-asume-la-presidencia-del-g77--china-en-2026-y-se-convierte-en-voz-clave-del-sur-global-20260114-0040.html>

51 <https://en.people.cn/n3/2026/0117/c90000-20415573.html>

- ✓ A integração política e econômica da América Latina e do Caribe.
- ✓ A promoção de agendas baseadas em consenso para abordar problemas comuns.
- ✓ O fortalecimento das relações birregionais com atores globais.

Essa oportunidade diplomática permite ao Uruguai influenciar a agenda regional e projetar uma visão de cooperação e multilateralismo a partir do Sul Global.

A heterogeneidade política e a dificuldade de se chegar a um consenso entre os Estados da América Latina e do Caribe⁵²; a falta ou fragilidade institucional da CELAC⁵³; as tensões geopolíticas externas⁵⁴ (rivalidades entre potências, conflitos internacionais, polarizações) que influenciam a região; as dificuldades em articular posições sobre questões políticas sensíveis (questões como direitos humanos, reconhecimento de governos específicos ou conflitos internos nos países membros frequentemente geram divisões significativas); as altas expectativas em relação a resultados concretos relacionados à paz, ao crescimento socioeconômico ou à cooperação Sul-Sul; e a necessidade de uma integração efetiva em um contexto socioeconômico desigual são os principais obstáculos que o Uruguai terá que superar para liderar este bloco.

SUBREGIONAIS:

O CAF (Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe) promoveu o Fórum Econômico Internacional que discutiu respostas coletivas para temas globais⁵⁵⁵⁶⁵⁷.

No dia 26 de janeiro foi realizado o fórum econômico internacional que reuniu chefes de Estado do Brasil, Colômbia, Panamá, Equador, Bolívia, Guatemala, Jamaica e Chile. Chefes de Estado e participantes de vários setores da sociedade discutiram formas de abandonar o estereótipo de "continente das oportunidades perdidas", para se firmar como espaço de soluções.

Em sua fala, o presidente executivo do CAF, Sergio Granados, destacou o momento de imprevisibilidade frente a regras globais e disputas pelo controle de elementos essenciais para transição digital e energética. Em busca de mitigar os efeitos da instabilidade global, os presidentes do Brasil, Colômbia, Panamá, Guatemala e Jamaica conclamaram a importância da integração, diálogo e colaboração entre os países latino-americanos. Os presidentes do Equador e Chile destacaram a luta contra crime organizado e narcotráfico como tópico importante para assegurar a estabilidade econômica e democrática na região.

52 <https://www.infobae.com/america/america-latina/2025/04/15/canciller-uruguayo-critico-a-xiomara-castro-por-el-cierre-de-la-cumbre-de-la-celac>

53 <https://www.linkedin.com/pulse/recalibrating-regional-cooperation-through-community-latin-omar-vawde>

54 <https://www.gub.uy/presidencia/comunicacion/noticias/presidente-orsi-celac-destaco-integracion-regional-sobre-base-democracia>

55 <https://www.caf.com/es/actualidad/noticias/foro-caf-america-latina-y-el-caribe-reclama-un-espacio-global-propio/>

56 <https://www.caf.com/es/actualidad/noticias/foro-caf-reunio-a-mas-de-6500-lideres-de-70-paises-en-el-mayor-encuentro-regional-de-los-ultimos-anos/>

57 <https://www.orasconhu.org/es/reunion-con-unicef-para-trabajar-agenda-conjunta-en-favor-de-la-ninez-en-la-region-andina>

A agenda do encontro trouxe temas de discussão projetos de integração física, digital, comercial e de segurança. Além disso, foram também incluídos temas como crescimento econômico, integração regional, sustentabilidade, investimento, inclusão e competitividade. Os participantes apostaram nesses temas como indutores de um posicionamento mais ativo e autônomo para o desenvolvimento global.

O Organismo Andino de Saúde Convênio Hipólito Unanue (ORAS-Conhu) deu posse ao novo secretário executivo, além de assinar estratégia sub-regional com OPAS/OMS⁵⁸⁵⁹⁶⁰.

Em dezembro, sob o mandato de Maria Carmem Calle Dávila como secretária executiva, o ORAS-Conhu assinou a Estratégia de Cooperação Subregional para América do Sul (ECS-SAM 2026-2031). A implementação da Estratégia é um compromisso firmado entre OPAS/OMS, ORAS-CONHU, OTCA e Mercosul.

Calle Davila reafirmou o compromisso do Organismo com a governança sanitária andina com desafios comuns nas áreas de doenças não transmissíveis, vulnerabilidade de populações indígenas e amazônica frente a vetores emergentes e fortalecimento de sistemas de saúde resilientes pós-pandemias e ressaltou que a cooperação nesses temas poderá alçar a região como modelo global de cooperação sul-sul.

Em janeiro, o novo secretário executivo, Fernando Araos Dattoli, tomou posse. Dattoli é médico chileno e foi eleito por unanimidade pelos países membros na XLI Reunião de Ministros de Saúde da Área Andina para ocupar o cargo durante o período 2026-2028.

O novo secretário destacou a sua preocupação com os efeitos das mudanças climáticas no cenário regional. A partir de sua experiência nacional, afirmou que "Chile enfrenta hoje uma emergência derivada de incêndios florestais de grande magnitude, com graves consequências para a vida, saúde física e mental das pessoas, assim como para os animais e meio ambiente", mas completa com a importância de que a resposta a essas mudanças devem ser solidárias e coordenadas regionalmente.

Em suas primeiras ações como secretário executivo, Dattoli se reuniu com o diretor regional adjunto do UNFPA América Latina e Caribe e com a conselheira técnica de saúde sexual e reprodutiva com o objetivo de fortalecer a aliança estratégica para o enfrentamento da mortalidade materna e prevenção da gravidez adolescente. Além disso, cumpriu uma agenda com a equipe regional da UNICEF para América Latina e o Caribe para reafirmar a cooperação estratégica, orientada para a atenção primária de saúde, redução das brechas da equidade e promoção do bem-estar integral da criança.

58 <https://www.orasconhu.org/es/hito-historico-para-la-salud-regional-opsoms-oras-conhu-otca-y-mercosur-firman-la-estrategia-de>

59 <https://www.orasconhu.org/es/medico-chileno-fernando-araos-dattoli-asume-la-secretaria-ejecutiva-del-oras-conhu>

60 <https://www.orasconhu.org/es/reunion-con-el-fondo-de-poblacion-de-las-naciones-unidas>

O Conselho de Ministros de Saúde da América Central (COMISCA) realizou encontro de registro sanitário de medicamentos⁶¹.

A reunião técnica para profissionais responsáveis das unidades de registro sanitário de medicamentos das Autoridades Reguladoras Nacionais. Esse encontro se deu sob o marco do programa de colaboração entre a Fundação CSAI do Ministério da Espanha e a SECOMISCA.

O objetivo é avançar um mecanismo de harmonização regulatória de critérios técnicos para avaliação de medicamentos biotecnológicos. No evento foram apresentados resultados do diagnóstico da normativa vigente nos países SICA em matéria de autorização e vigilância de medicamentos, avançar na validação de um guia regional de harmonização regulatória e fortalecer consensos sobre o mecanismo de implementação, que permitam a curto prazo concretizar a avaliação conjunta de biotecnológicos e biosimilares.

A Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA) lançou plataforma sobre degradação florestal na Amazônia⁶²

O Observatório Regional Amazônico lançou a nova ferramenta de monitoramento ambiental, o Painel de Degradação Florestal da Amazônia. A plataforma digital contém mapas e gráficos que mostram a série histórica (1984-2024) de dados da degradação florestal dos oito países amazônicos. Os dados podem ser consultados no seguinte link: <https://otca.maps.arcgis.com/apps/instant/portfolio/index.html?appid=158700f681ea44dca835430d3299b4ba>

Apresentação da candidatura de Michelle Bachelet a Secretária-Geral da ONU⁶³

No início de fevereiro, Chile, Brasil e México lançaram formalmente a candidatura de Michelle Bachelet ao cargo de Secretária-Geral das Organizações das Nações Unidas. Bachelet já exerceu funções importantes no Sistema das Nações Unidas, como Alta Comissária para Direitos Humanos e Diretora Executiva da ONU Mulheres.

Os governos lançaram uma nota conjunta que afirma "*A postulação de Michelle Bachelet representa uma oportunidade de dotar a ONU de uma liderança com comprovada experiência, legitimidade internacional e vocação para serviço público. Subscrevemos essa candidatura com a convicção de que sua liderança contribuirá para o pleno cumprimento dos propósitos e princípios consagrados na Carta das Nações Unidas*", além disso, reforçou a importância da ação conjunta "*Essa candidatura reflete a vontade compartilhada de nossos países de contribuir ativamente para o fortalecimento do sistema multilateral e de promover uma liderança capaz de responder aos desafios atuais.*"

61 https://www.sica.int/noticias/aecid-y-la-fundacion-csai-colaboran-con-se-comisca-en-la-guia-para-la-armonizacion-regulatoria-para-la-evaluacion-tecnica-de-medicamentos-biotecnologicos-en-la-region-sica_1_137301.html

62 <https://otca.org/pt/observatorio-regional-amazonico-da-otca-lanca-painel-sobre-degradacao-florestal-na-amazonia-2/>

63 https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/apresentacao-da-candidatura-de-michelle-bachelet-a-secretaria-geral-da-onu-comunicado-conjunto-de-brasil-chile-e-mexico